

Aumento do consumo é uma ameaça à estabilidade de preços

O aquecimento da economia é um obstáculo à estabilização da inflação, ainda que em um patamar muito alto, como ambiciona o Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. A avaliação é do economista Eduardo Modiano, da PUC do Rio de Janeiro, para quem a demanda está sustentando o ritmo de aumento dos preços livres e impedindo que a desaceleração desses reajustes abra espaço para a recomposição das tarifas e preços públicos. E se houver escassez de produtos, mais difícil será conter os preços.

Modiano opina que o incremento do consumo está relacionado a dois fatores: salários e antecipação de compras. Embora não possibilitem reposições reais dos salários, que estão muito baixos, a atual política do Governo e a iniciativa de muitas empresas, de conceder reajustes pela inflação integral, estão sustentando os níveis salariais, explica. É possível, também, que algumas categorias estejam conseguindo obter ganhos reais, observa ele.

Além disso, embora as expectati-

vas de hiperinflação tenham sido afastadas, a certeza de manutenção de altas taxas de inflação também leva à antecipação de compras. Além disso, as altas taxas de juros pagas pelas aplicações financeiras estimulam o consumo, já que parte desses rendimentos acaba sendo destinada à aquisição de bens reais.

O problema é que o Governo não tem condições de utilizar a política fiscal no combate à inflação, por limitações junto ao Congresso e por

questões de credibilidade. Assim, sobram apenas as taxas de juros.

— As taxas de juros tiveram efeito positivo sobre o ágio do dólar paralelo, estancaram um pouco a fuga de poupanças para ativos reais e inibiram a formação de estoques. Mas estão tendo um efeito muito discutível sobre a demanda — diz.

O economista lembra que as experiências mais recentes mostram que a política de juros altos no combate à inflação tem que ser acompanhada por um ajuste fiscal.